

As pulgas

●●●Huelva está em pulgas, dizem os jomais. Uma assombrosa praga de parasitas tomou de assalto a cidade a partir duma vivenda desabitada e lançou o pânico na população. Há cães a uivar de desespero e a revolverem-se na poeira das ruas e gatos a marinhar pelos muros. Os turistas abandonam o *time sharing* e os ciganos andaluzes, a espumarem de desespero, em vez do *flamenco*, bailam uma interminável dança de São Vito. O Município procedeu já à demolição dum edifício, cortou circuitos, resolveu emergências, e de maneira perturbadora sugere que a epidemia se regista já nalgumas regiões de Portugal.

Pouco provável. Aqui as pulgas são outras e, em maioria absoluta, reproduzem-se por todo o País em lápidas inaugurais. Não são uma peste de pobreza ou de falta de higiene mas resultam de uma estranha



A MOSCA

transparência das contas do Estado.

Falta de higiene nunca. E de saúde ainda menos — embora tenhamos um dos maiores índices de mortalidade infantil da Europa. Quanto à pobreza, que é coisa essencial às pulgas, convém lembrar que somos um país de pleno emprego. Se um relatório oficial italiano apontou há dias 32,7 por cento de miséria na nossa população, o erro é deles, italianos, que não sabem que os pedintes portugueses fugiram todos para a Espanha para nos aliviarem do desemprego, em demanda da peseta esmoler.

O que não significa que fossem eles que tivessem levado a pulga *pulex irritans* para Espanha, porque o pedinte lusitano é por natureza asseadíssimo. Transparente.

José Cardoso Pires